

Comando instável na economia assusta credores

A instabilidade no comando da economia e a fase de transição política — que aparentemente não acabou — causam uma certa insegurança entre os credores do Brasil no Exterior. O fim do mandato do presidente Figueiredo; a chegada de um civil à Presidência com Tancredo Neves; a morte deste e a posse do vice José Sarney; a queda do então ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, e a posse do substituto Dilson Funaro; e, finalmente, o câncer no sistema linfático que voltou a se manifestar no ministro de maior influência nos rumos da economia brasileira — todos estes fatos foram, e são, capazes de adiar uma solução definitiva para a dívida externa do Brasil.

Os analistas do assunto atam a dificuldade que os bancos estrangeiros têm para digerir a atual política brasileira de gradualismo no combate à inflação e ao déficit público. Ainda de acordo com tais especialistas a permanência de Francisco Dornelles na Fazenda e Tancredo Neves na Presidência da República era o quadro ideal para que fosse mantido um entendimento perfeito com os credores e o FMI. "O banqueiro, por natureza, é conservador, e ainda mais porque sua atividade exige" — comentou um alto funcionário do governo. E o conservadorismo de Dornelles e de Tancredo constituía a chave do entendimento.

Numa entrevista ao **Jornal do Brasil**, no último dia 15, Francisco Dornelles revelou que "só havia uma possibilidade de acordo com o FMI: com cortes muito grandes no setor público". Porém, falou da dificuldade de se implementar esta política pela ausência de apoio da Aliança Democrática, a mesma que viabilizou a eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, há um ano. Ao se demitir em 26 de agosto do ano passado, Dornelles não concretizou seu projeto de promover uma política econômica de austeridade — "proibido gastar" — e fazer um acordo com o FMI.

Estava sem o apoio do Congresso Nacional e envolvendo-se em seguidos atritos com os ministros do PMDB. Veio então o episódio que seu secretário-geral, Sebastião Marcos Vital, criticou os obstáculos que impediam o Ministério da Fazenda de promover uma política de gastos públicos austera. Foi a gota d'água, levando ao fim da era Dornelles e dos conflitos criados pelo duplo comando na economia. "Eu pretendia fazer uma política de maior austeridade e concluir um acordo com o FMI e com os bancos, que daria maior tranquilidade", disse Dornelles ao **JB**.

O ex-ministro acrescentou que Tancredo Neves pretendia promover a reforma agrária e executar uma política "dura" em relação aos gastos públicos, além de não permitir reajustes salariais acima do

INPC, o que era congruente com o slogan "é proibido gastar".

Incertezas

Sai Dornelles, entra Funaro. Sem apoio da Aliança Democrática e especialmente do PMDB, o presidente José Sarney assume postura coerente com uma frase de Tancredo Neves, de que dívida externa não se paga com a fome do povo, e interrompe os entendimentos com o FMI. Adia também um acordo com os bancos para a renegociação do principal da dívida, o que, alias, se torna mais difícil sem o aval do Fundo.

A doença do ministro Funaro — que continua firme no cargo, apesar da saúde precária — coloca mais um dado neste cenário de incerteza, com graves implicações no setor interno da economia. A política gradualista de Sarney e de seu mais influente colaborador não está sendo capaz de reduzir as despesas públicas na medida exigida pelas circunstâncias da dívida externa e a inflação ganha novo impulso com a escassez de produtos agrícolas, forçando importações que reduzirão o superávit da balança comercial em 1986.

O equilíbrio interno de forças políticas no sentido de se manter esta linha gradualista indica que não haverá mudanças mais drásticas, nem se aproximando do figurino do FMI e dos monetaristas nem abraçando as teses da esquerda do PMDB.